

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIACADEMIA
RAQUEL MATIAS MAIA**

**O CONCEITO DE SEMIFORMAÇÃO NO FENÔMENO IDEOLÓGICO A PARTIR
DA INDÚSTRIA CULTURAL**

Juiz de Fora
2020

RAQUEL MATIAS MAIA

**O CONCEITO DE SEMIFORMAÇÃO NO FENÔMENO IDEOLÓGICO A PARTIR
DA INDÚSTRIA CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
Uniacademia como requisito parcial para
a conclusão do curso de Licenciatura em
Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Me. Regina Lúcia
Praxedes de Meirelles

Juiz de Fora

2020

MAIA, Raquel Matias. **O conceito de Semiformação no fenômeno Ideológico a partir da Indústria Cultural.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Uniacademia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia. Realizado no segundo semestre de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles

Prof. Dr. Robione Antônio Landim

Prof. Dra. Mabel Salgado Pereira

Examinado em: 09/12/2020

Dedico este trabalho a minha avó (*in memoriam*), a quem amarei por toda minha existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Centro Universitário UniAcademia, pela formação educacional e toda oportunidade recebida ao longo do curso de Filosofia no Seminário Santo Antônio.

À minha orientadora, Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, pelos diálogos exercidos sempre com dedicação e amor pela Educação nesta trajetória.

Aos demais professores do curso, pelo conhecimento adquirido, em especial ao Prof. Dr. Robione Antônio Landim, por seu esforço e comprometimento com o saber e o ensinar.

Agradeço também aos meus pais que, apesar de no início não entenderem minhas escolhas, ainda assim as respeitaram e sempre depositaram esperança nos meus sonhos.

Ao meu irmão Wiverson e às minhas irmãs, Jessica e Quezia, sou grata pela existência de suas vidas em minha vida.

À minha querida amiga Tatiane, por quem tenho um enorme carinho, por me tomar como filha ao lado dos seus filhos.

Aos amigos, agradeço pelas palavras de apoio e por acreditarem em mim quando eu mesma duvidei. Em especial à Mirian, pela lealdade de uma amizade real e ao Denys, pelo afeto e paciência nos dias de questionamentos e confusões. Gratidão ao meu amigo Edmilson, a quem o amor à Filosofia me uniu. Que possamos sempre cuidar um do outro e nos admirarmos com os absurdos da vida. Sobretudo aos meus amigos Hudson e Raissa, a quem sou imensamente grata por se disponibilizarem a me ajudar, além de acreditarem no meu ingresso e na minha formação.

Agradeço ainda a todos os meninos, meus eternos amigos do coração, pela gentileza de amizades tão singulares e sinceras. Todos vocês foram grandes aliados ao longo desta jornada de compartilhamento de mundos e experiências. Sou grata por cada momento de conquista comemorado, pelos sorrisos dados, pela preocupação e escuta nos meus momentos de aflição.

Ademais, o meu muito obrigada a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, na minha formação acadêmica.

A arte existe para que a realidade não nos destrua.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

MAIA, Raquel Matias. **O conceito de Semiformação no fenômeno Ideológico a partir da Indústria Cultural**. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). UniAcademia, Juiz de Fora, 2020.

No século XX, com o desenvolvimento e a valorização da ciência promovendo a racionalização da técnica, a Ideologia capitalista ganhou destaque, estando ligada ao crescimento da burguesia, baseado no lucro e no acúmulo de riquezas. A Indústria Cultural é um termo desenvolvido por Adorno e Horkheimer para denominar o modo de produzir cultura, convertida em mercadoria, no período industrial capitalista. O termo **Semicultura** é a industrialização da arte expressa nos produtos ideologizados como formadores e deformadores de subjetividades que se mantêm em estado irrefletido de não consciência de liberdade. Nesse contexto, a Educação sofre constantemente mudanças que têm por objetivo atender às demandas da burguesia, se valendo dos desenvolvimentos técnicos, impactando o modo de vida da sociedade contemporânea. Afirmam os pensadores que por meio dos meios de comunicação de massa e dos conteúdos culturais transformados em bens de consumo ideológicos produzidos pelo sistema da Indústria Cultural o homem perde sua capacidade crítica e reflexiva, dando lugar a um conformismo frente à formação que se apresenta como forma dominante da consciência nas relações sociais como um todo. O papel transformador emancipatório da Educação se perde e o que se instaura é uma **Semiformação**.

Palavras-chaves: Semicultura. Semiformação. Ideologia. Indústria cultural. Adorno

ABSTRACT

In the 20th century, with the development and valorization of science promoting the rationalization of technique, capitalist ideology gained prominence, being linked to the growth of the bourgeoisie, based on profit and the accumulation of wealth. The Cultural Industry is a term developed by Adorno and Horkheimer to describe the way of producing culture, converted into merchandise, during the capitalist industrial period. The term **semiculture** is the industrialization of art expressed in products ideologized as formators and deformers of subjectivities that remain in an unthinking state of non-awareness of freedom. In this context, Education constantly undergoes changes that aim to meet the demands of the bourgeoisie, taking advantage of technical developments, impacting the way of life of contemporary society. The thinkers claim that through mass media and cultural content transformed into ideological consumer goods produced by the Cultural Industry system, man loses his critical and reflexive capacity, giving way to a conformism in the face of the formation that presents itself as a form dominance of consciousness in social relations as a whole. The transforming emancipatory role of education is lost and what is established is a **semiformation**.

Keywords: Semiculture. Semi-training. Ideology. Cultural industry. Adorno.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	A ESCOLA DE FRANKFURT E O PENSAMENTO DE ADORNO.....	12
2.1	OS EIXOS TEMÁTICOS DA TEORIA CRÍTICA	15
3	O CARÁTER IDEOLÓGICO DO CONSUMO E DA TECNOLOGIA	24
3.1	A CONCEPÇÃO MARXISTA DE IDEOLOGIA	25
3.2	A IDEOLOGIA DO CONSUMO DA TECNOLOGIA NA INDÚSTRIA CULTURAL.....	28
4	A SEMIFORMAÇÃO COMO UM PROCESSO DIDÁTICO-IDEOLÓGICO...	32
4.1	RESISTÊNCIA PARA EMANCIPAÇÃO CONTRA A REPRODUÇÃO DA BARBÁRIE	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Aranha (2006), a Ideologia capitalista está intimamente ligada ao desenvolvimento da burguesia, visando o lucro e o acúmulo de riquezas. A Educação sofre constantemente mudanças e se vê refém de propostas que tentam acompanhar os desenvolvimentos técnicos da sociedade. **Indústria Cultural** é um termo adotado por Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969) e por Max Horkheimer (1895-1973) para denominar o modo de produzir cultura no período industrial capitalista, defendendo a ideia de que, nesse período, ela passa a ser vista como mercadoria.

Esse *modus operandi* do capitalismo encontra eco na prática educativa, porque instaura uma Educação que objetiva a capacitação e a especialização do indivíduo para exercer um determinado trabalho ou atividade visando atender os interesses do mercado. Com os instrumentos de comunicação de massa e os conteúdos ideológicos produzidos pelo sistema e divulgados por produtos denominados de **cultura**, o homem tem sua capacidade crítica e reflexiva cerceada, dando lugar a um conformismo frente à formação, que se apresenta como forma dominante da consciência contemporânea das relações sociais como um todo. O papel transformador emancipatório da Educação se perde e o que se instaura é uma **Semiformação** (ADORNO, 2005).

O caminho traçado nesta pesquisa pretende responder à seguinte questão de investigação: qual a relação que se desvela entre o conceito de Semiformação e a Educação integral dos cidadãos? Para possibilitar uma resposta, foram tomadas, como principal referencial teórico, obras do filósofo Theodor Adorno, o que permitiu a constituição do *corpus* teórico deste Trabalho de Conclusão de Curso, conforme explicitado a seguir.

O texto **Ideologia**, de Adorno (1973), foi utilizado para discorrer sobre a transformação provocada pelo fenômeno ideológico na sociedade, a partir da ausência de sentido crítico em razão de alguns interesses particulares, para controle social da prática consumista, com a origem da sociedade administrada sobre os estudos, principalmente, do sistema da Indústria Cultural. A obra **Teoria da Semicultura**, do mesmo autor (2005), possibilitou compreender o conceito de Semiformação que se tornou a condição existencial do homem contemporâneo no que concerne à subjetividade coisificada e alienada no interior das práticas sociais.

Também se fez uso do livro **Dialética do Esclarecimento**, de Adorno, escrito em parceria com Horkheimer (1985), que analisa a expressão **Indústria Cultural**, empregada em substituição ao termo **cultura de massas**. A **Indústria Cultural** poderia ter sido um instrumento de formação cultural, assumindo fins pedagógicos, mas se tornou um instrumento de deformação da cultura e da consciência, impedindo a autonomia dos indivíduos. A cultura, nesse processo, foi entendida como forma de estruturação da vida real dos homens. A obra **Teoria Crítica da Indústria Cultural** de Duarte (2003), foi tomada para possibilitar um melhor desenvolvimento e aprofundamento do texto. Da mesma forma, a obra **Adorno, Semiformação e Educação**, escrita por Maar (2003), auxiliou nos estudos e na produção do presente trabalho, mostrando a relação entre os dois termos.

Empregou-se também a obra **Educação e Emancipação** (ADORNO, 2008) visando apresentar a concepção do autor sobre como a Educação, perpassada por um viés político democrático, deveria ser capaz de evitar a barbárie e buscar a emancipação humana. Aponta, então, a crítica à Indústria Cultural, responsável por prejudicar a capacidade humana de agir com autonomia. Também a obra **Semiformação e Deformação da consciência em Theodor Adorno**, produzida por Cirqueira (2019), serviu de apoio para a melhor fundamentação e compreensão de conceitos filosóficos que se encontram na obra adorniana. Finalizando o grupo de obras, a **Teoria Crítica Ontem e Hoje**, elaborada por Freitag (1988), destacou a relevância dos estudos sobre a Teoria Crítica, a Escola de Frankfurt e seus membros, especialmente no que se refere à análise e interpretação, nos seus mais diversos aspectos.

Adorno desenvolve, então, a crítica à Educação que afirma estar voltada para a formação de mão-de-obra com vistas ao atendimento das necessidades de produção cultural. Por consequência, ele aponta que o consumidor se vê preso em um ciclo vicioso de conformismo. Nesse contexto, os indivíduos se tornam alienados, alheios a si próprios, escravos das decisões e das atividades do mercado. A razão instrumental e a Indústria Cultural resultam do modelo ideológico da Semiformação, neutralizando a consciência crítica do sujeito. A **Indústria Cultural** entende que a Semiformação se tornou o modo de consciência do indivíduo, transformando-o em objeto, fazendo com que perca sua autonomia e autoconsciência.

A escolha e a importância deste tema se justificam pelo fato de que ele consiste em um questionamento acerca do conceito de cultura de um povo, aqui

tratada como reflexo de suas ideologias. É legítimo, portanto, concluir que sem o compartilhamento de ideias, que se constituem em adoção e prática de valores, a cultura não poderia existir. O fenômeno ideológico é algo que está presente em todos, pois constitui o conjunto de ideias que assumimos e praticamos, é o que forma a nossa subjetividade. Pode-se entender a Ideologia a partir de diferentes perspectivas. Entretanto, vale ressaltar que na concepção de nosso autor de referência ela é vista como um fenômeno negativo, já que oculta a realidade e instaura verdades que são questionáveis.

A metodologia utilizada na elaboração deste trabalho monográfico foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, dando origem a um texto autoral de cunho etnográfico, baseado em obras e artigos selecionados que fundamentam teoricamente a temática tratada. A pesquisa foi dividida da seguinte forma: na primeira seção, será apresentado um panorama histórico, contextualizando a Escola de Frankfurt e suas teorias, situando-as no tempo e no espaço. Terá por intento apresentar o filósofo Adorno, bem como sua inserção e importante participação na referida escola.

A segunda seção discorrerá sobre o conceito de **Indústria Cultural** e o caráter ideológico do consumo e da tecnologia. Finalmente, na última seção, será apresentado o conceito de Semiformação como um processo ideológico da classe dominante. Ao longo das seções, o presente trabalho discorrerá sobre sua concepção de Educação e sua forma crítica segundo as características do sistema da Indústria Cultural, com o advento da sociedade administrada constatando uma transformação no fenômeno ideológico, que tem como objetivo a dominação e reificação da consciência dos homens e também o consumo em grande escala.

No entanto, essa monografia refletirá sobre o conceito de Indústria Cultural e Semiformação através da perspectiva da Escola de Frankfurt, juntamente com o modelo ideológico vigente, sem a pretensão, naturalmente, de esgotar um assunto com tantas possibilidades de análise. Os resultados que são apresentados, portanto, visam especialmente a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia.

2 A ESCOLA DE FRANKFURT E O PENSAMENTO DE ADORNO

A temática proposta neste trabalho possui uma complexidade que será abordada com base nas referências bibliográficas selecionadas. Tal metodologia tem o objetivo de assegurar uma reflexão científica bem fundamentada gerando, assim, uma análise respaldada nos critérios acadêmicos.

A obra **Dialética do Esclarecimento** é o principal referencial teórico desta pesquisa. No capítulo sobre **Indústria Cultural**, os autores Adorno e Horkheimer (1985) denunciam um sistema que reforça e legitima nos indivíduos a necessidade de consumo sob uma lógica da atividade econômica. O capitalismo industrial e financeiro descrito pela Indústria Cultural busca padronizar e homogeneizar os produtos para que sejam consumidos em grande escala, visando a acumulação de capital a partir de uma instauração ideológica. Esse processo é feito por meio da adoção de um sistema cúmplice da opressão, que impõe o comportamento e a orientação da massa, que se entende a nova designação do conceito de arte, em um sentido normatizado.

O modo de produzir cultura no período industrial capitalista é marcado por modos de produção que visam o lucro, além da idealização de produtos adaptados para o consumo excessivo das massas. A arte perde a ligação entre sensibilização e imaginação, a inspiração subjetiva do autor; as manifestações artísticas agora são vistas principalmente como mercadorias. A pintura, a música e a poesia, por exemplo, assumem características simplificadas e falsificadas para se transformarem em produtos consumíveis. Fabricam, assim, ilusões padronizadas e extraídas do potencial cultural e artístico, incentivando a reificação da consciência humana – ou seja, sua transformação em coisa – e a alienação em que o indivíduo se torna alheio a si próprio, tornando-se peça de engrenagem de um sistema.

A **Indústria Cultural** não está preocupada em promover um conhecimento emancipatório. A via de democratização para a arte tem a intenção de poder levar cultura para um maior número de pessoas, a arte estaria sujeita às leis da oferta e da procura nessa dimensão ideológica. O conhecimento como autoconhecimento não é exercido de fato, já que o capitalismo compromete o valor crítico das formas artísticas. O público perdeu sua capacidade de visão crítica intelectual na análise da obra. Adorno e Horkheimer (1985) apontam que o conhecimento se torna produto

da elite. A partir da venda ilusória daquilo que de fato se quer, o homem busca o já conhecido e experimentado, deixando de desenvolver sua capacidade crítica. Dessa forma, a arte e o conhecimento se tornaram de fácil manipulação, impedindo a formação de indivíduos autônomos e capazes de julgar e decidir conscientemente.

Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno nasceu em Frankfurt, Alemanha, no dia 11 de setembro de 1903 e faleceu no dia 6 de agosto de 1969 em Visp, na Suíça. Seu pai era um próspero negociante de vinhos, alemão de origem judaica, e sua mãe, uma cantora lírica, católica e italiana. O autor cresceu em meio a musicistas e amantes da música e logo se despertou seu gosto musical. Chegou a publicar dezenas de artigos sobre crítica e estética musical. Na universidade de Frankfurt, em 1920, estudou Filosofia, Musicologia, Psicologia e Sociologia, concluindo seus estudos no ano de 1924.

Um grupo de colegas intelectuais fundou o Instituto de Pesquisa Social, mais tarde conhecido como Escola de Frankfurt. Foi oficialmente criado em 3 de fevereiro de 1923 e vinculado à universidade de Frankfurt em 1924. O grupo dispunha de independência financeira, pois contava com o apoio dos intelectuais filiados ao instituto, além de autonomia acadêmica. Sendo assim, os integrantes da escola se dedicavam exclusivamente à pesquisa e reflexão, apesar dos tempos difíceis que se seguiram (FREITAG, 1988).

A Escola de Frankfurt foi fundada em 1924 por iniciativa de Felix Weil e outros participantes, a partir da ideia de “institucionalizar um grupo de trabalho para a documentação e teorização dos movimentos operários na Europa” (FREITAG, 1988, p. 10). Sendo Weil um grande negociante de grãos de trigo na Alemanha, ajudava a financiar as atividades do Instituto. O primeiro diretor, Carl Grunberg, tinha como objetivo documentar e descrever “dentro da tradição marxista, as mudanças estruturais na organização do sistema capitalista, na relação capital-trabalho e nas lutas e movimentos operários” (FREITAG, 1988, p. 11).

Em 1930, Max Horkheimer assumiu a direção do Instituto e, com isso, a orientação da escola mudou significativamente para uma “análise crítica dos problemas do capitalismo moderno que privilegiava claramente as superestruturas” (FREITAG, 1988, p. 11), passando a operar como um centro de pesquisas. Para que houvesse um meio oficial de divulgação das ideias, foi criada a Revista de Pesquisa Social, para que os leitores acompanhassem as produções dos pesquisadores e críticos filiados ao Instituto. No período entre 1932 e 1941, Horkheimer também

assumiu a função de editor da revista para assegurar a sua publicação, que tratava de temas multidisciplinares, mas principalmente, sobre Filosofia (FREITAG, 1988).

Horkheimer reuniu no Instituto diversos colaboradores como Friedrich Pollock (1894-1970), Karl August Wittfogel (1896-1988), Erich Fromm (1900-1980), John J. Gumperz (1922-2013), Herbert Marcuse (1898-1979) e Adorno que contribuíam regularmente com artigos, ensaios e resenhas para a Revista. Alguns intelectuais somente se filiaram ao Instituto na fase de imigração para os Estados Unidos, como é o caso de Benjamin, Marcuse e Adorno (FREITAG, 1988). Horkheimer, como um teórico marxista, direcionou suas reflexões para o capitalismo moderno europeu, nas condições históricas da Alemanha do pós-guerra.

Antecipando, então, as barbáries do movimento antisemita e seu crescimento na Alemanha, com a ascensão do movimento nazista sob a direção de Hitler em 1933, Horkheimer se preocupou em criar filiais do Instituto a partir de 1931 em Genebra, Londres e em Paris, transferindo a redação da Revista de Leipzig para Paris. Finalmente, em 1933, foi decretado o fechamento do Instituto em Frankfurt por suas “atividades hostis ao Estado” (FREITAG, 1988, p. 13). Segundo a mesma autora, nessa ocasião foi confiscado também o prédio e 60 mil livros foram apreendidos do acervo de sua biblioteca.

Em 1934, o Instituto muda-se para Nova Iorque, vinculando-se à Universidade de Columbia, devido ao apoio de seu diretor, Nikolas Murray. Sua autonomia financeira se assegura em atenção à ajuda do filho de Herman Weil. Naquele momento próspero, o instituto “custeou bolsas de estudos na Europa para intelectuais e judeus perseguidos pelos nazistas, entre eles Walter Benjamin e Ernest Bloch” (FREITAG, 1988, p. 16).

A Revista de Pesquisa Social que, até então, sempre tinha sido publicada em alemão, elabora seu número mais recente em inglês. A época de produção e publicação na imigração foi o que possibilitou a criação da Teoria Crítica a partir de uma série de artigos. A **Dialética do Esclarecimento**, escrita em colaboração de Adorno e Horkheimer (1947) e a obra **A Personalidade Autoritária**, elaborada por um grupo que também contou com a colaboração de Adorno (1950), são as mais significativas (FREITAG, 1988).

A reestruturação do Instituto aconteceu em 1950, passando a funcionar novamente em Frankfurt. Horkheimer e Adorno, até 1969, atuam como professores na Universidade Johann Wolfgang Goethe, sendo os responsáveis pelo

departamento de Filosofia e trabalhando simultaneamente em pesquisas. O acervo da biblioteca foi renovado, suprimindo a necessidade oriunda das apreensões ocorridas durante o regime nazista. Horkheimer continuou como diretor do Instituto e, em 1955, convida Adorno para ser seu codiretor. Adorno assumiu a direção do Instituto de Pesquisa Social em 1968, depois da aposentadoria de Horkheimer (FREITAG, 1988).

A contribuição mais importante de Adorno e Horkheimer ao Instituto foi o trabalho conhecido como **Teoria Crítica**. A pesquisa social, para eles, deve ter como pressuposto uma negação da ordem estabelecida na sociedade capitalista. A crítica se faz presente enquanto dela, a pesquisa social, emergirem as contradições da sociedade industrializada moderna. Assim, tal crítica pode ser compreendida a partir de um desdobramento de três eixos temáticos, “os três temas se permeiam, entrelaçam e confundem, tanto na realidade analisada quanto na obra dos autores” (FREITAG, 1988, p. 33). São eles: a dialética da razão em contraponto com a crítica à ciência; a dupla face da Cultura e o conceito de **Indústria Cultural**; a questão do Estado e a dominação tecnocrática. Dessa forma, se estabelece o conteúdo programático da Teoria Crítica.

2.1 OS EIXOS TEMÁTICOS DA TEORIA CRÍTICA

Na análise política contemporânea, faz-se necessário analisar o surgimento da Teoria Crítica, que se preocupou em estudar o contexto social e cultural em que surgem novas práticas e valores na sociedade industrializada. Entre alguns dos principais pensadores dessa linha de pensamento, é possível citar Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1973), Herbert Marcuse (1898-1979), Eric Fromm (1900-1980) e Walter Benedix Schönflies Benjamin (1892-1940), pertencentes à primeira geração da Escola de Frankfurt, influenciados pelas teorias de Karl Marx (1818-1883), Immanuel Kant (1724-1804), Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), Maximilian Karl Emil Weber (1864-1920) e Sigmund Schlomo Freud (1856-1939). Vale acrescentar, conforme a estudiosa que lemos, que:

O termo escola de Frankfurt ou a concepção de uma teoria crítica sugerem uma unidade temática e um consenso epistemológico teórico e político que

raras vezes existiu entre os representantes da Escola. O que caracteriza a sua atuação conjunta é a sua capacidade intelectual e crítica, sua reflexão dialética, sua competência dialógica ou aquilo que Habermas viria a chamar de “discurso”, ou seja, o questionamento radical dos pressupostos de cada posição e teorização adotada (FREITAG, 1988, p. 33, grifo da autora).

Os temas aqui discutidos perpassaram as obras desses pensadores. As suas particularidades são ilustradas nas diferenças de interpretações de alguns conceitos como, por exemplo, razão, cultura, arte, Estado, entre outros. Cada um deles enfatiza de forma própria os aspectos da realidade analisada.

Para iniciarmos a questão, é importante ressaltar a distinção feita por Adorno, Horkheimer e Marcuse ao tratar o tema da cultura. Ancorados no conceito de classe social conforme tratado por Marx e Hegel, a sociedade capitalista dividiu-se em dois grupos sociais distintos: de um lado, a civilização, responsável pela reprodução material da vida, o proletariado e, de outro, a cultura, o mundo espiritual das ideias, da arte, dos sentimentos, a burguesia. Em consequência dessa distinção entre classes, torna-se legítimo e justificável o consentimento de exploração e alienação de uma delas: a classe trabalhadora, cidadãos e cidadãs que dão vida e sustentação às linhas de montagem e de produção das indústrias (FREITAG, 1988). Os bens culturais a que o proletariado tem acesso, transformados em produtos, atestam o caráter deformativo da Ideologia ao carregarem e disseminarem a ideia de que a felicidade poderia ser conquistada por meio de sua posse e consumo. Sob essa nova orientação social, a cultura fica restrita apenas a um pequeno grupo, a elite, a classe dominante.

Tal revolução nos padrões de organização da produção cultural se mostrou como estratégia da classe dominante no intuito de dissimular as estruturas do novo sistema de produção e as inegáveis diferenças de classe. Os bens culturais e de consumo, primeiramente destinados apenas à elite, agora se convertem em bens de consumo de massa. A socióloga afirma que:

Esse processo de dissolução da obra de arte e da cultura é viabilizado pela revolução tecnológica-industrial, que permitiu promover a reprodução em série da obra de arte ou de sua cópia (impressa, fotografia, cinema, disco, cassete, vídeo, etc) (FREITAG, 1988, p. 71).

Com isso, a promessa de democratização da cultura não ocorre de fato. A produção cultural se submete quase que por completo a seu caráter de valor, sendo uma mercadoria. Diante deste cenário:

O produto cultural integrado a lógica do mercado e das relações de troca deixa de ser “cultura” para tornar-se valor de troca. A falsa reconciliação entre produção material e ideal de bens recebe o nome de “Indústria Cultural” (FREITAG, 1988, p. 71, grifos da autora).

Adorno e Horkheimer designaram esse termo para se referir com clareza ao novo modo de produzir cultura, denunciando a transformação das mais variadas obras de arte em produtos padronizados, permitindo que esse valor criado para o consumo (de seu consumidor) seja essencial para demonstrar e reproduzir o sistema imposto, atendendo às necessidades de acumulação de lucro do sistema capitalista.

A dupla face da cultura se desvela, assim, como uma das questões de relevância crítica no conceito de **Indústria Cultural**, em uma sociedade em que todas as relações são mediatizadas pela mercadoria, inclusive a obra de arte. O caráter singular do produtor (artista, poeta, pintor) é perdido, dando lugar a um bem de consumo coletivo do início ao fim, respaldado em sua lucratividade ou aceitação de mercado e não pelo seu valor estético, filosófico, literário particular (FREITAG, 1988). A nova forma de produção cultural ocupa também o tempo livre, o espaço de lazer do trabalhador, seu tempo disponível fora do ambiente de trabalho. A Indústria Cultural fixa o divertimento e seus horários e então, os avanços tecnológicos da mídia (televisão, rádio, publicidade, entre outros) auxiliam na imposição de um poder que estabelece valores e comportamentos, criando necessidades e estabelecendo linguagens. Tal Ideologia, amplamente disseminada pelos meios de comunicação de massa, é responsável pela padronização até mesmo de uma posição crítica e autônoma adotada pelo proletariado.

Cabe, portanto, focar no fenômeno ideológico e nos aspectos que o definem. A questão do Estado traz uma preocupação em conceituar as mudanças estruturais que ocorreram na base econômica da sociedade capitalista desde Marx. Dessa forma, “cabia agora ao Estado uma crescente participação na gestão da economia nacional e na manutenção do equilíbrio internacional” (FREITAG, 1988, p. 87). O capitalismo moderno, para assegurar seu sistema como tal, impunha a necessidade

do Estado de intervir na economia para evitar e/ou controlar crises e contribuir para a sobrevivência da nação. Com isso:

O novo estatuto do Estado como Estado empresarial destrói a concepção do Estado liberal, mas não destrói as relações de produção nas quais se assentam ambas as formas estatais: a economia capitalista (FREITAG, 1988, p. 88).

Como Marx já havia apontado, sendo a ciência e a técnica forças produtivas, o Estado, pela prática de valores ideológicos, exerce o controle sobre elas, legitimando, justificando e garantindo a vitalidade do sistema capitalista. A sociedade, que se fundamentou voltada à produtividade, está a serviço do capital, com impacto direto na manutenção das relações de classe. Sob o poder da classe dominante, a partir de sua lógica tecnicista – ou seja, na produção em massa de mercadorias despersonalizadas e no valor de troca –, sufoca a dimensão crítica, emancipatória e negadora do trabalhador, a classe dominada. Assim, sob a tutela de tal Ideologia, a moderna economia mascara o *status quo* e a emancipação dos homens quanto às suas reais necessidades. A produção de bens é eficaz em sua tarefa de gerar lucratividade, não abrindo espaços de manifestação de subjetividades, determinando o que os cidadãos devem ou gostariam de ter ou não, sem lhes permitir sequer a escolha do que seria melhor ou mais adequado para si e para os seus (FREITAG, 1988).

Dessa maneira, percebe-se a presença forte de uma Ideologia tecnocrática, em que a ciência e a tecnologia se tornam instrumentos de dominação política e econômica com a finalidade de manutenção da ordem e do bem estar social imposto. Nesse modelo, qualquer conflito ao redor da luta de classes deve ser silenciado, pois a ideia que impera é de que o Estado promove o bem estar de todos. Podemos ler que:

Na medida que a ciência e a técnica promovem o “progresso”, desejado e aplaudido por todos, elas mesmas se tornam as bases legitimadora do sistema capitalista, desativando o conflito de classes e silenciando as reivindicações por um sistema político e econômico menos alienado (FREITAG, 1988, p. 94, grifo da autora).

Portanto, a ciência e a técnica se autolegitimam, confundindo as consciências, tornando-as incapazes de avaliar o processo que se instalou, na medida em que é disseminada e comprovada a ideia de que a economia prospera –

ainda que seja às custas de uma relação de exploração da classe trabalhadora – já que assegura o emprego e uma situação relativa de bem estar social.

Adorno é responsável por trazer uma nova perspectiva de leitura da sociedade em que vive, denunciando uma preocupação: o fortalecimento e a expansão do capitalismo na sociedade contemporânea. Isso é visto pelo pensador como a perpetuação da divisão social, com a exploração da classe operária e a manutenção e o controle do poder pela classe dominante. Ele aponta a cultura como forte aliada na manutenção do *status quo*. A dimensão crítica da cultura, que deveria garantir a emancipação dos sujeitos, se desvincula de sua legítima função social e acaba cedendo lugar a uma forma dominante da consciência social voltada à adaptação e ao conformismo. A singularidade de Adorno se manifesta na defesa de uma reflexão crítica voltada para uma proposta de educação política, como constituição do sujeito, de uma Educação que privilegie a autorreflexão crítica sobre o processo que ele denomina de Semiformação, buscando a formação de sujeitos emancipados e livres.

Adorno (2008), em seus ensaios sobre a Educação, reunidos no livro **Educação e Emancipação**, discorre sobre os limites e as possibilidades da Educação no contexto Semiformação. No ensaio **Educação – Para quê?** o autor explicita a sua concepção de Educação:

[...] gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação [...] não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isso seria inclusive de maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política [...] uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 2008, p. 141).

A Educação aparece como instrumento de adaptação e aceitação de uma realidade social. Percebe-se a falácia do projeto educacional que é posto em prática, em que é difundido e validado um discurso ideológico que coloca a Educação a serviço da produção material em sua forma capitalista industrial, impossibilitando aos sujeitos uma formação emancipadora, crítica e politicamente referenciada, livre, portanto, da condição de alienação social. O foco da teoria crítica de Adorno (2008) se encontra no conceito de Semiformação na sua obra **Educação e Emancipação**,

na qual levanta a seguinte questão: como emancipar o sujeito desse processo de manipulação e padronização cultural? Segundo ele, é necessário condicionar o sujeito a processos formativos (educacionais) capazes de proporcionar uma concepção política, estética e cultural verdadeira, diferente da versão que é imposta.

Na **Dialética do Esclarecimento**, Adorno e Horkheimer (1985), apresentam uma análise sobre a caracterização social objetiva da perda da dimensão emancipatória, gerada na dialética da razão. Segundo os autores, seu caráter transformador foi perdido e instaurou-se um **capitalismo administrado** ou **mundo administrado**. Como caracterizou Maar, “a dialética do esclarecimento constitui a expressão da subjetividade ameaçada, a ‘semiformação’, e das forças anônimas que ameaçam a subjetividade, a ‘indústria cultural’” (MAAR, 2008, p. 20, grifos do autor). Por isso, se vislumbra uma impossibilidade de Educação dentro dos moldes da Semiformação, já que o processo de formação dos indivíduos na sociedade produtora de mercadorias é determinado e estabelecido pelo modo de produzir. A Semiformação impede a emancipação, a possibilidade que podemos encontrar só poderia ser conseguida para além de tal forma produtiva, com práticas autônomas e experiências formativas e não semiformativas (forma social de produção).

No capítulo “**Indústria Cultural: o esclarecimento enquanto mistificação das massas**”, da obra **Dialética do Esclarecimento**, escrita em 1947, é feita a denúncia de que a Indústria Cultural transformou o esclarecimento (Aufklärung) kantiano em uma farsa. Ao contrário da concepção proposta por Kant, como sendo a capacidade de conhecer e criar sentido para as experiências vivenciadas, o esclarecimento dos anos 40 do século XX, sob a influência do regime capitalista exploratório, impede a formação de indivíduos autônomos. Para a Indústria Cultural, o esclarecimento é um artifício que, por meio de uma determinada Ideologia social, é repassado às massas, comprometendo a constituição de sentido do cidadão. O objetivo, portanto, é deturpar os reais valores do ser humano. Na crítica à Indústria Cultural, os autores esclarecem que há um processo de imposição da estrutura social.

Uma possibilidade de compreensão do conceito de Ideologia é resgatada da relevância da definição marxista, da qual Adorno retoma o significado de caráter negativo. Marx compreende uma interpretação negativa como uma imposição de uma determinada ideia apresentada por uma classe dominante (forma de dominação pelo convencimento) sobre a classe dominada (a qual é convencida a agir e pensar a partir de interesses corrompidos). Sendo assim, o surgimento do capitalismo

convence o proletário a trabalhar dentro de padrões estabelecidos (local, horário, tarefa, resultados, salários), configurando, no indivíduo, uma maneira correta de viver, fazendo parecer ser essa a única leitura possível do social. Adorno destaca que o sistema capitalista cresce e se consolida pelo mundo, um regime considerado ideal se fundamenta. Em outro ensaio, ele expressa que:

A aparência irrevogável de conhecimento pelo conhecimento em si e a sua aspiração à verdade estão impregnadas de sentido crítico. Não só a autonomia, mas a própria condição dos produtos espirituais de se tornarem autônomos são pensadas, com o nome de ideologia, em uníssimo com o movimento histórico da sociedade. E nesta se desenvolvem os produtos ideológicos e suas funções. Atribui-lhes uma utilidade, desejada ou não, a respeito dos interesses particulares. A sua própria separação, a constituição da esfera espiritual e sua transcendência, manifestam-se, entre outros aspectos, como o resultado da divisão do trabalho (ADORNO, 1973, p. 1).

A Ideologia da sociedade capitalista é eficiente. Imposta pela Indústria Cultural, mantém os cidadãos na carência de uma autonomia e expressa a desigualdade existente, mas vende a seus consumidores a satisfação manipulada. Além disso, garante a seus consumidores que o mundo continue como é, acostumando-os ao modelo previamente estabelecido. Um estereótipo padronizado e generalizado é aceito principalmente para definir e limitar práticas e valores quanto à aparência, naturalidade e comportamento. Dessa maneira, também o trabalho deve ser padronizado, tornando-se monótono, repetitivo, sem criatividade e impessoal, freando a imaginação, anulando a capacidade criativa.

No ensaio **Teoria da Semicultura**, Adorno caracteriza o duplo caráter da cultura como autonomia do espírito e, ao mesmo tempo, conformação com a vida real. Segundo ele, “a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva. Porém a cultura tem um duplo caráter: remete à sociedade e intermedia está a semiformação” (ADORNO, 2005, p. 2). Compreende-se, portanto, conforme Maar, que “a semiformação seria a forma social da subjetividade determinada nos termos do capital. É meio para o capital, e simultaneamente, como expressão de uma contradição, sujeito gerador e transformador do capital” (MAAR, 2003, p. 467). A Educação aparece como instrumento de validação e adaptação à realidade. Por esse motivo, o comprometimento de exercer emancipação e autonomia, sendo estas as principais razões do ideal iluminista moderno, foi anulado

e substituído pela adaptação e submissão disciplinada da lógica da dominação da sociedade contemporânea, estabelecida para integração da vida real. Desse modo, Adorno destaca que:

Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas – sejam elas de espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação – cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove a formação regressiva (ADORNO, 2005, p. 3).

A Semiformação não é somente uma determinada situação social educacional; nela predomina a realidade instrumental que reifica a formação, semiformando os sujeitos, impedindo a sua emancipação. É a operação pela qual se impõe a reificação, transformando algo abstrato em real. A persistência na manutenção de uma condição social da cultura enquanto pseudocultura – ou seja, uma cultura superficialmente aparente que bloqueia as possibilidades de uma formação cultural verdadeira – é o que permite a Adorno afirmar que “a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a Semiformação, em que necessariamente se converteu” (ADORNO, 2005, p. 18). Essas considerações são indispensáveis para a compreensão do sentido político da Educação. A autonomia e a liberdade são características individuais essenciais para a emancipação, mas a carência delas no processo de formação – no modelo de sociedade imposto pela Indústria Cultural a partir de forças coercitivas da Ideologia dominante – impede uma Educação plena, com a formação de indivíduos autônomos em uma sociedade livre.

A situação de não-emancipação característica da sociedade contemporânea é resultado do afastamento da Educação de seus objetivos primordiais: “acredito que – e isto é Freud puro – justamente esses momentos repressivos da cultura produzem e reproduzem a barbárie nas pessoas submetidas a essa cultura” (ADORNO, 2008, p. 157). O mal-estar na cultura a que Freud se refere se configura a partir da civilização ocidental que, na evolução dos grupos sociais, encontrou uma necessidade em dominar a natureza, havendo, portanto, uma retroação desta última sobre a categoria humana, ao lado de todos os efeitos visivelmente perversos da tecnologia (DUARTE, 2003).

Em vista dos argumentos apresentados a partir da teoria adorniana, aplica-se a consciência nivelada como um todo. Nesse sentido, “a semicultura pretende

deseducar os indivíduos no sentido de evitar que eles percebam – e usufruam – algo autonomamente” (DUARTE, 2003, p. 98). Logo, a Educação, para ser capaz de promover uma desbarbarização, deve ser contraposição e resistência à integração da ordem estabelecida.

3 O CARÁTER IDEOLÓGICO DO CONSUMO E DA TECNOLOGIA

O sentido histórico do termo Ideologia pode ser encontrado na obra **Elementos de Ideologia**, em que a palavra é usada pela primeira vez, pelo filósofo francês Antoine Destutt de Tracy (1754-1836), com a intenção de elaborar uma ciência tratando da gênese das ideias, isto é, designando um estudo científico das ideias, de como elas se formam e quais fenômenos incidem sobre sua constituição. Desse modo:

Contra a educação religiosa e metafísica, que permite assegurar o poder político de um monarca, De Tracy propõe o ensino das ciências físicas e químicas para “formar um bom espírito”, isto é, um espírito capaz de observar, decompor e recompor os fatos, sem se perder em vazias especulações (CHAUI, 1981, p. 21, grifo da autora).

Em 1812, Napoleão Bonaparte, em seu discurso ao Conselho de Estado, se opõe à conceituação do termo de Destutt que considerava com sentido pejorativo os termos “Ideologia” e “ideólogos”, como uma ameaça ao seu governo direcionado aos ideólogos franceses. Karl Marx elabora sua Ideologia Crítica sendo dirigida aos ideólogos alemães, tratando de uma designação negativa do termo. É atribuída uma dissociação proposital entre a realidade e as ideias:

Assim, a ideologia, que inicialmente designava uma ciência natural da aquisição, pelo homem, das ideias calcadas sobre o próprio real, passa a designar, daí por diante, um sistema de ideias condenadas a desconhecer sua relação real com o real (CHAUI, 1981, p. 25).

Em síntese, conforme se pode ler, a Ideologia assim considerada elimina o reconhecimento do homem e determina a realidade alienante controlada pelos dominantes. As representações ideológicas conservam o processo de dominação, controlando a subjetividade e padronizando as consciências individuais (CHAUI, 1981).

3.1 A CONCEPÇÃO MARXISTA DE IDEOLOGIA

Para o adequado tratamento da concepção marxista de Ideologia, faz-se necessário recordar alguns aspectos da concepção hegeliana conservados por Marx, por exemplo, o conceito de **dialética** como “movimento interno de produção da realidade cujo motor é a contradição” (CHAUI, 1981, p. 46). Sendo assim, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) compreende que todos possuem a mesma natureza racional e que a mesma lógica ou estrutura que forma a consciência humana forma, também, o mundo. Desse modo, o processo conhecido como dialética idealista hegeliana é o movimento de desenvolvimento do mundo, em um processo progressivo na realidade concreta que se dá com e no tempo.

Entende-se, então, a lógica de funcionamento da história, movimentando-se a partir de atos de superação constantes. “A história é o movimento de posição, negação e conservação das ideias – unidade do sujeito e do objeto da história, que é o Espírito” (CHAUI, 1981, p. 42). O método dialético proposto por Hegel considera a noção de movimento, processo ou progresso para chegar ao resultado do conflito entre os opostos.

A realidade, para Hegel, é a racionalidade, o Espírito Absoluto se expressando em um movimento de superação constante, ou seja, a racionalidade se desenvolvendo através de um movimento dialético. A dialética se processa em três momentos: tese, antítese e síntese. O espírito, na sua expressão subjetiva (relação consigo mesmo), começa a desvendar a lógica de sua própria consciência e, na medida em que realiza esse processo, percebe que a sua consciência funciona a partir do método dialético de sua autoconsciência (lógica do seu próprio pensamento). Uma vez que percebe a lógica do seu próprio pensamento, ele tende a transformar a realidade a partir daquilo que vai percebendo de si mesmo, ou seja, o espírito manifestando-se na sua expressão objetiva.

Com isso, integram-se as instituições e os valores que fundamentam o agir humano em sociedade. Daí decorrem a organização social, a família, a propriedade privada e o Estado. Todas essas instituições estão justamente organizadas de modo a tornar o homem cada vez mais livre:

A dialética, assim entendida, é a história como processo temporal movido internamente pelas divisões ou negações (contradição) e cujo Sujeito é Espírito como reflexão. Essa dialética é idealista porque seu sujeito é o Espírito, e seu objeto também é o Espírito (CHAUI, 1981, p. 42).

Karl Marx (1818-1883) entende a história como um processo real de consciência dos homens ao produzir suas condições de existência, em uma interpretação ideológica, em uma realidade em que o homem revela-se como ser social e não como um Espírito, que toma posse de si e de suas realizações na história (CHAUI, 1981). Tem-se, assim, a passagem da dialética idealista hegeliana para a dialética materialista.

O filósofo alemão entende as relações sociais em pilares economicistas, como o impacto da economia na vida social. O materialismo histórico se fundamenta na leitura da história, baseando-se na constante luta de classes. O conceito de Ideologia em Marx surge da necessidade ou do reconhecimento de que os sujeitos se movem – e até mesmo se contaminam – por uma ideia, se deixam motivar por uma ideia. Em vista disso, a divisão social do trabalho organiza a sociedade a partir das relações de produção, dos meios de distribuição e apropriação do trabalho. Esse movimento resulta no surgimento da classe dominante (que controla o processo econômico e político) – grupo este com grande influência ou poder de decisão junto ao Estado – em conflito com a outra camada presente na sociedade, a classe dominada, ou seja, a operária, ambas em confronto de interesses, já que uma explora a outra. Assim, o Estado aparece como a segurança dos interesses coletivos, mas preservando os interesses particulares da classe que domina os meios de produção e tem o controle da economia.

Revela-se, assim, a eficiência da Ideologia em seu caráter deformativo, qual seja, ocultar aos modos de produção a realidade da origem da divisão social em classes e a luta de classes, bem como os efeitos do sistema na sociedade.

Nesse cenário/circunstância, segundo o exemplo da autora,

A mercadoria será considerada a forma mais simples e mais abstrata do mundo de produção capitalista, o qual aparece imediatamente para nós como uma imensa produção, acumulação, distribuição e consumo de mercadorias (CHAUI, 1981, p. 48).

No modo de produção capitalista, o trabalhador se revela como ser humano, mas é ele, ao mesmo tempo, uma mercadoria que vende sua força de trabalho,

caracterizada como valor de uso e valor de troca, valendo-se por sua utilidade e seu preço no mercado. Seu valor é produzido no tempo de trabalho da sociedade. Relacionam-se, neste valor, dois tempos anteriores necessários para produzi-la e distribuí-la juntamente com o pagamento, ou seja, o salário, sendo este o preço de seu tempo de trabalho. Nasce a mais-valia, como o lucro do proprietário. A origem desse capital é o trabalho não pago como um aumento de valor de um bem, mas um valor capitalista, que é a base do lucro capitalista. Tem-se aí o modo de constituição real do sistema de exploração econômica (CHAUI, 1981).

Marx afirma que as relações sociais capitalistas invertem a realidade: os seres humanos existem sob a forma de coisas, a mercadoria aparece como um bem que se compra e se consome. Uma operação mental é instaurada: a reificação ou coisificação, expressa através de relações entre objetos de troca ou o tratamento do ser humano como objeto. De acordo com a crítica do filósofo, surge como um fenômeno social e psicológico, como uma coisa que se apresenta como existente por si só, transformando os aspectos subjetivos em objetivos. A mercadoria tem poder e exerce dominação como uma força estranha no consumidor/comprador, em uma transformação de mundo fictícia. Esse embate seria o motor da história, por meio do qual se daria o progresso da história e seria a origem das transformações na estrutura. Os homens se distinguem pela sua consciência, “são o que produzem e são como produzem” (CHAUI, 1981, p. 60).

A propriedade privada capitalista ergue-se das transformações dessa estrutura social (modo de produção) e da divisão do trabalho. A sociedade é criada sobre uma separação entre senhores e escravos, que se estrutura na desigualdade social ou pela forma da propriedade. Portanto, “a divisão social do trabalho torna-se completa quando o trabalho material e o espiritual se separam” (CHAUI, 1981, p. 65).

Assim, essa concepção de Ideologia se caracteriza pela naturalização da alienação social e histórica no homem, que não se sente capaz de tornar mais igualitário seu contexto social, fundado principalmente nas relações estabelecidas na divisão social do trabalho. Esta concepção do fenômeno ideológico é definida como o caráter deformativo do fenômeno e que tem por característica oferecer explicações racionais para as diferenças sociais, políticas e culturais, legitimando uma organização social dividida em classes.

É importante salientar que a classe dominante se beneficia dos privilégios oriundos do fenômeno ideológico, mas por ele também se deixa contaminar e tal feito lhes permite exercer como natural sua dominação, assumindo que as chances de transformação se encontram nas mãos de quem possui os meios de produção. A Ideologia não permite que o homem desmascare a aparência que oculta a realidade social produzida, onde imperam os valores específicos de uma classe sobre a outra.

A classe ascendente tem de aparecer como representante de toda a classe de modo geral e isso ocorre graças às ideias defendidas como universais. Dessa maneira, legitima-se a nova classe na medida em que se universalizam as produções ideológicas, encarregando de demonstrar ideias e indivíduos independentes uns dos outros, separando ideias e valores dominantes, ainda que a classe superior defenda interesses que são exclusivamente dela (CHAUI, 1981).

Produção, exploração e consumo são as condições materiais de existência na sociedade civil capitalista. O proletariado vivencia uma relação alienada diante de todo o processo produtivo na medida em que vende seu único bem – sua força de trabalho – em circunstâncias danosas e exploratórias. A Ideologia produz ideias que auxiliam na manutenção desse estado de alienação.

A função da Ideologia, consiste em impedir essa revolta fazendo com que o *legal apareça para os homens como legítimo*, isto é, como justo e bom. Assim, a Ideologia substitui a realidade do Estado pela *ideia* de Estado – ou seja, a dominação de uma classe é substituída pela ideia de interesse geral encarnado pelo Estado. E substitui a realidade do Direito pela *ideia do Direito* - ou seja, a dominação de uma classe por meio das leis é substituída pela representação ou ideias dessas leis como legítimas, justas, boas e válidas para todos (CHAUI, 1981, p. 91, grifos da autora).

Assim, a função da Ideologia, por seu caráter deformativo, é direcionar a atenção para slogans do sentimento de identidade social como igualdade, liberdade, humanidade, nação, Estado como sinônimos de reconhecimento de uns para os outros, de si mesmos, anulando as diferenças das divisões na esfera das produções (CHAUI, 1981).

3.2 A IDEOLOGIA DO CONSUMO DA TECNOLOGIA NA INDÚSTRIA CULTURAL

Após um breve levantamento sobre a teoria hegeliana e marxista para melhor compreensão do conceito de Ideologia, tratar-se-á agora da teoria adorniana,

que carrega influências dos dois pensadores apresentados no subitem anterior, sendo de fundamental importância para o esclarecimento dos objetivos pretendidos nesta pesquisa.

A filosofia de Adorno é marcada pela crítica à sociedade de mercado, reconhecendo nela uma transformação do fenômeno da Ideologia com o advento da sociedade industrial capitalista – a Indústria Cultural – denunciando seu aspecto negativo ao prejudicar a capacidade humana de agir de forma autônoma. Assim, este termo agora quer ser entendido como a própria realidade que oculta a dominação sob justificativas falsamente universais. Nota-se a aproximação à perspectiva marxista de compreender o fenômeno ideológico em seu caráter deformativo. Nesse sentido, esta seção se deteve em refletir sobre a participação do fenômeno ideológico nos processos de formação do homem na sociedade.

Adorno se inclinou a entender a lógica da burguesia industrial enquanto causa das profundas mudanças na estrutura social pois, segundo ele, a Ideologia, em seu caráter deformativo, carrega uma intencionalidade manifesta por uma classe dominante sobre uma classe dominada. No sistema da Indústria Cultural, a cultura de massa é fruto da ação dos meios de comunicação e, com isso, justifica-se, em seu entender, uma nova forma de fazer cultura após a Revolução Industrial. A produção artística passou a ser adaptada a essa nova realidade imposta, promovida pela técnica, tendo como objetivo o lucro e a valorização e manutenção dos valores da classe dominante. A partir de tal contexto social, os produtos tomam uma padronização com a justificativa de acesso, comercialização e consumo em grande escala.

Diante do desenvolvimento e aprimoramento de novas e antigas ferramentas tecnológicas, os meios de comunicação de massa têm a capacidade de influenciar e orientar padrões sociais, ocasionando uma padronização massificada do conteúdo de entretenimentos dos produtos culturais para atender à demanda dos consumidores. Na sociedade industrial do século XIX, surge a efervescência crescente de um mercado consumidor de bens culturais, sendo este fenômeno característico do sistema capitalista que Adorno e Horkheimer visavam esclarecer. Assim,

É essa natureza, complicada pelas exigências sempre presentes e sempre exageradas do médium específico, que constitui o novo estilo, a saber, “um sistema da não cultura, da qual se pode conceder até mesmo uma certa

‘unidade de estilo’, se é que ainda tem sentido falar em uma barbárie estilizada” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 106, grifo dos autores).

Enquanto esfera da práxis social, tal padronização abarcou, inclusive, o ambiente acadêmico, delimitando o conhecimento, cerceando a liberdade criativa no processo educacional e rendendo-se às determinações da classe dominante: estuda-se o que é determinado a saber. É violenta a força que traça, desde o ingresso, todo o percurso acadêmico, delimitando tudo o que é ou não importante estudar: “assim a indústria cultural, o mais inflexível de todos os estilos, revela-se justamente como a meta do liberalismo, ao qual se censura a falta de estilo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 108).

Sendo o liberalismo o sistema político em que se apoia a implantação e ampliação do capitalismo, é correto entendê-lo enquanto forma de organização social, que tem como princípio uma divisão dos grupos humanos visando a legitimação e manutenção das circunstâncias de dominação, onde “quem resiste só pode sobreviver integrando-se” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 108). A barbárie social se dá na medida em que se instaura uma padronização difundida por uma pequena parcela da população, tomada como um equivalente para a dominação da massa.

Assim, a Indústria Cultural oferece a participação ou a omissão. Ela constitui a permanência cega do sistema e a sua imutabilidade, desde a integração, a inserção e, conseqüentemente, o conformismo da sociedade. A posição do sujeito é frágil, diante do esforço da produção estabelecida (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Por fim, “na medida em que a pressão do sistema obrigou todo o produto a utilizar a técnica da publicidade, esta invadiu o idioma, o ‘estilo’, da indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 134, grifo dos autores), diante do aperfeiçoamento tecnológico dos meios físicos de comunicação e de seu alcance em grande escala, proporcionando também o aumento da produção industrial.

A linguagem apelativa dos anúncios tem como função induzir ao consumo, ao divulgar produtos ou serviços para fins comerciais ligados à lógica de mercado capitalista. Ou seja, a lei do capital, juntamente com a propaganda, divulga narrativas de modelos ideais de estilos de vida da classe dominante. Adorno destaca

que desafiar o *status quo* nesse contexto social é fundamental, mas o que impera é o conformismo, substituindo a consciência crítica.

Com isso, a leitura da obra **Ideologia: uma introdução** (2019), do filósofo contemporâneo Terry Eagleton, coaduna com o conceito de Ideologia trabalhado por Marx e compartilhado por Adorno e Horkheimer, sob o ponto de vista do caráter deformativo da Ideologia pela luta política, na tentativa de mostrar a pertinência e a atualidade da temática trabalhada e defendida por Adorno. Dessa forma, o crítico literário identificado com o marxismo exemplifica, portanto que:

O conceito de ideologia tem como objetivo revelar algo da relação entre uma enunciação e suas condições materiais de possibilidade, quando essas condições de possibilidade são vistas a luz de certas lutas de poder centrais para a reprodução (ou, para algumas teorias, a constatação) de toda uma forma de vida social (EAGLETON, 2019, p. 235).

Pela observação dos aspectos analisados, apreende-se a legitimação de uma ordem social em que a classe trabalhadora se adequa à proposta ideológica da classe dominante. Nesse cenário, para Adorno, assim como também para Eagleton, a Educação reproduz e legitima a ordem ideológica, que transforma tudo em material, objeto de consumo, em que “o mero pressuposto da emancipação de que depende uma sociedade livre já encontra-se determinado pela ausência de liberdade da sociedade” (ADORNO, 2008, p. 171).

A seguir, tratar-se-á da denúncia de Adorno, direcionada ao processo em que se propõe a educar os cidadãos e que ele chama de **Semiformação**. Tal processo tem por objetivo a reificação do homem e do mundo, impedindo a percepção plena da verdade real. A Educação pautada pela Ideologia propagada pela Indústria Cultural está, assim, voltada para a formação de mão-de-obra e às atividades utilitárias ao mercado. Neutraliza-se a consciência crítica do sujeito pelo modelo ideológico da Semiformação, que retira o caráter transformador emancipatório da Educação. É o que se segue.

4 A SEMIFORMAÇÃO COMO UM PROCESSO DIDÁTICO-IDEOLÓGICO

A Indústria Cultural arma um cerco para seu consumidor por meio da propaganda e da publicidade, do cinema, do rádio e da televisão, evidenciando que esses canais, segundo tal modelo, “aprofundam o véu que cobre o real” (CIRQUEIRA, 2019, p. 31), de maneira que ofertam “chaves” de compreensão e significação aos consumidores. Dessa forma, lhes é privada uma capacidade inerente ao homem, qual seja, a capacidade de formar o próprio pensamento. Outra capacidade restringida é, também, a ação de reproduzir sintetização de ideias essenciais (CIRQUEIRA, 2019).

Os indivíduos, então, são induzidos – e muitas vezes convencidos ou conformados – a uma realidade que os cerca, alimentados “por uma indústria que privilegia a diversão como fuga do cotidiano, sem constituir crítica alguma ao status quo” (CIRQUEIRA, 2019, p. 29). Dessa maneira, é desconectada a consciência reflexiva crítica e os indivíduos são envolvidos pela razão instrumental que operacionaliza os processos racionais na sociedade manipulada pelo consumo de massa. Segundo Cirqueira:

Por ser na realidade mais um produto da Indústria Cultural, o semiformado (Halbbildung) é o sujeito incapaz de abarcar possibilidades que se abrem como forças de resistência a integração social, mas somente a sua adaptação e a situação social vigente. Alheios ao tempo que escorre, pois se tornou líquido, ocorre a apreensão de si como objeto sem valor e sem sentido (CIRQUEIRA, 2019, p. 29).

A formação cultural foi abarcada pela burguesia juntamente com o processo capitalista de produção que culminou com a exclusão da classe do proletariado de sua própria consciência, impedindo aos trabalhadores o acesso aos pressupostos indispensáveis para a formação. A essa classe foi entregue uma ilusão formativa, já com a promessa de sanar as diferenças de classe e efetivar a felicidade. No entanto, a realidade é socialmente constituída como reprodução do pensamento vigente, com base na adaptação e na conformação (CIRQUEIRA, 2019).

Nesse contexto histórico, Adorno (2005) comenta que a formação da burguesia não equivaleu em sinônimo de emancipação e nem mesmo os privilégios em detrimento dos indivíduos de menor riqueza contribuíram para tal feito emancipatório. Ainda conforme o autor, a formação cultural é indispensável para o

desenvolvimento profissional do burguês, tanto como empresário, gerente ou até mesmo funcionário. A partir de então, consolida-se a sociedade burguesa sob o viés das classes sociais (ADORNO, 2005).

Tal situação deve-se aos meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão. Dessa forma, “o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da Indústria Cultural” (ADORNO, 1985, p. 104). A realidade e a noção de normalidade difundidas como a exata reprodução da vida e veiculadas em filmes, por exemplo, cerceiam a criatividade e o pensamento crítico dos espectadores, que agem em correspondência aos fins propostos pela Indústria Cultural, adestrando-os à identificação imediata com a realidade, já que paralisa tais capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva, desconsiderando o caráter subjetivo inerente ao homem (ADORNO, 1985).

A cultura, entendida como um valor, se converte em **Semiformação**. Para Adorno, esta passa a ser a forma dominante da consciência. Faz-se importante relembrar a constituição do duplo caráter da cultura, “sedimentando uma espécie de espírito objetivo negativo” (CIRQUEIRA, 2019, p. 36). Diante disso, Adorno argumenta que

a diferença sempre crescente entre o poder e a impotência sociais nega aos impotentes – e tendenciosamente também aos poderosos – os pressupostos reais para a autonomia que o conceito de formação cultural ideologicamente conserva (ADORNO, 2005, p. 5).

Adorno compreende a autonomia e a liberdade como condições para a formação, mas que, em um arranjo pré-estabelecido, carregam em sua origem a não formação, pois degeneram a cultura e impõem uma formação cultural controlável na contradição de liberdade e falta de liberdade, “mas essa dialética da formação fica imobilizada por uma integração social, por uma administração imediata” (ADORNO, 2005, p. 11). Em resumo:

A semiformação apresenta-se ideologicamente como uma formação completa, capaz de proporcionar sínteses conclusivas que identificam o indivíduo semiformado não como tal, mas sim como profundo conhecedor de assuntos que são abreviações (CIRQUEIRA, 2019, p. 36).

Observa-se a superficialidade dos conteúdos na formação do homem, em um sistema que retira até mesmo sua força, impedindo integralmente sua própria

sobrevivência. Desse modo, “tal procedimento torna-se ideológico quando despreza o fato de que a educação é um fenômeno social e que deve promover a construção da personalidade social do educando” (ARANHA, 2006, p. 82). Nesse contexto, a Indústria Cultural passa a determinar novos parâmetros para o processo educativo, o que, no entendimento de Cirqueira (2019), não permitiria a verdadeira democracia e também “não seria possível a validação da racionalidade livre, tendo em vista o alcance global das formas de conduta que estão atreladas ao consumo dos produtos semiculturais difundidos pelo *mass media*” (CIRQUEIRA, 2019, p. 37, grifos do autor).

Os moldes das leis do mercado rompem com a autorreflexão da consciência, destruindo a autonomia humana, alienando a própria razão, deformando a sua subjetividade, evidenciando-se como uma concepção enganosa. Assim,

as consequências são a confusão e obscurantismo, e, pior ainda, uma relação cega com os produtos culturais não percebidos como tais, a qual obscurece o espírito a que esses produtos culturais dariam expressão viva (ADORNO, 2005, p. 13).

4.1 RESISTÊNCIA PARA EMANCIPAÇÃO CONTRA A REPRODUÇÃO DA BARBÁRIE

A teoria crítica adorniana da prática educativa entende que a Barbárie reforça a Semiformação, comprometendo as possibilidades do sujeito de agir de maneira humanista no sentido de sua emancipação, de uma lógica pedagógica própria no entendimento da realidade perdendo o componente essencial, ou seja, a razão que permite a diversidade a diferença. A questão presente diz respeito não à primazia da técnica, mas à supremacia dela sobre a formação emancipatória. Neste sentido:

Além desses fatores subjetivos, existe uma razão objetiva da barbárie, que designarei bem simplesmente como a falência da cultura. A cultura, que conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens. A divisão mais importante é aquela entre trabalho físico e intelectual. Deste modo ela subtraiu aos homens a confiança em si e na própria cultura. E como costuma acontecer nas coisas humanas, a consequência disto foi que a raiva dos homens não se dirigiu contra o não-cumprimento da situação pacífica que se encontra propriamente no conceito de cultura. Em vez disto, a raiva se voltou contra a própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir (ADORNO, 2008, p. 164).

A cultura deveria ter o compromisso e o objetivo de despertar nos indivíduos as condições para uma vida digna, no sentido que cada cidadão fosse respeitado e considerado como igual em seus direitos. Mas, sob o conceito de Semiformação, Adorno aponta para o fato de que a cultura não cumpriu sua promessa de tratar a todos com as mesmas disposições de oportunidade e transmissões de valores válidos do ponto de vista moral e político.

A Barbárie é o não cumprimento dessa promessa. Nessa medida, a violência extrema está associada a uma situação de extermínio, já que, na verdade, ao invés de promover o crescimento do homem, seu bem-estar emocional e espiritual, a cultura falha no cumprimento de seus propósitos mais importantes quando engendra, divulga e legitima a diferença mais grave, ou seja, a divisão do trabalho físico tomada pela classe operária e a burguesia que detêm o controle do trabalho intelectual.

Assim, é correto questionar se há e qual é a relação que se desvela entre o conceito de **Semiformação** e a Educação integral dos cidadãos. A proposta é que o cidadão se educa culturalmente, pois a cultura é a fonte maior de informação do sujeito para a sistematização do próprio conhecimento, que resulta em uma reflexão e uma reelaboração do pensamento. Mas, se esta se pauta por **Semicultura**, é legítimo concluir que o resultado de tal processo educacional de formação dos sujeitos está permeado por uma Ideologia que reconhece como válidas e necessárias as diferenças de classe.

A formação da consciência social que reconhece a diferenciação dos sujeitos em classes na perspectiva ideológica tende a manipulá-los desde seu processo de aprendizagem até à formação de sua interpretação de mundo e suas relações sociais. Assim, os bens culturais transformados em produtos coisificados e a racionalização da técnica promovida pela Indústria Cultural os fazem incapazes de uma análise crítica sobre os reais motivos da ideologização estruturada, como por exemplo, a maximização do lucro pela exploração da força de trabalho e a concepção do homem como objeto nas relações sociais, em especial as ligadas ao trabalho.

Além disso, a primazia do conhecimento tecnificado sobre o conhecimento humanizante também tem participação pontual na impossibilidade da realização de fato de uma formação plena e esclarecida. Na sociedade capitalista contemporânea,

o pensamento crítico é dificultado, pois o sistema, legitimado com o auxílio do fenômeno ideológico, cria padrões e concepções a serem compartilhadas, mas não questionadas. A Ideologia monopoliza a aparência para atender aos fins de grupos específicos e, neste processo, a Indústria Cultural cria racionalidades para justificar barbáries impostas, impedindo os indivíduos de enxergarem as contradições inerentes ao sistema. Portanto, a própria organização do mundo impede a liberdade, dificultando a emancipação plena do sujeito. A Ideologia se confunde com a própria cultura enquanto impregna toda a sociedade. Assim, o que se instaura é uma sociedade semiformada, baseada nas relações sociais, econômicas e políticas dominantes.

A estrutura lógica é estabelecida socialmente de forma não reflexiva e determinante em um mundo massificado, em que a Indústria Cultural, ao invés de promover o homem enquanto ser social, como protagonista da ação participativa no que concerne à sua autonomia, inverte essa lógica, corrompendo o sujeito na prática. Nesse sentido, é visível a incoerência lógica que impede a Educação formativa integral dos sujeitos (ADORNO, 2008).

O filósofo alemão alerta que “não se poderá sem mais nem menos mudar esta situação, porém será possível gerar um clima que é incomparavelmente mais favorável a uma transformação do que o clima vigente ainda hoje na educação” (ADORNO, 2008, p. 164). Os conceitos de Educação e Emancipação estão intimamente ligados e, nesse sentido, o pensamento reflexivo tem a função de resistência diante da força capitalista que neutraliza a capacidade de reflexão racional pela qual é instaurada a dominação. Por isso,

a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 2008, p. 183).

Portanto, a pergunta **Educação para quê?** é necessária, na medida em que se reconhece que o pensamento reflexivo e autônomo não está conciliado com a realidade, sendo preciso uma reconciliação com o real que garanta a possibilidade de autocrítica e transformação do mundo, viabilizando a superação do *status quo* e o conformismo da integração que prejudica e aliena a experiência do indivíduo.

Adorno busca a ruptura da **Semiformação** por meio do desenvolvimento humano dotado de sentido crítico reflexivo e autônomo.

Educação perdeu seu sentido formativo quando se tornou algo meramente instrumental e mecanicista. A coisificação da consciência eliminou o caráter crítico do sujeito, o que garantia a ele a autonomia de agir de maneira humanista, livre senhor de seu próprio entendimento. Assim, a vida nas sociedades capitalistas contemporâneas está organizada pela lógica da divisão técnica do trabalho, o que, segundo este pensador, compromete o processo educativo enquanto tal. Sua análise reflexiva do processo didático-ideológico que ele chama de Semiformação é uma tomada de posição contra a reprodução da barbárie, apontando para a perda ou diminuição das capacidades de raciocínio que culminaram, por exemplo, nos campos de concentração e legitimaram a objetivação da barbárie.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria criada pelos intelectuais da Escola de Frankfurt, chamada de **Teoria Crítica**, tem como objetivo apresentar uma análise crítica social de pressupostos marxistas. Diante das mudanças tecnológicas vividas no século XX e da nova configuração social vigente, os filósofos viram-se na necessidade de pesquisar as razões e as consequências relativas à nova constituição de mundo, à sua organização econômica, com o advento do Capitalismo, apoiado por um regime político também novo, o Liberalismo.

Dessa forma, diferentes pensadores, de diferentes gerações, se dedicaram a elaborar reflexões críticas sobre as características de uma sociedade mergulhada nos propósitos do mundo dominado pelo Capitalismo. Adorno, um dos mais significativos membros do Instituto de Pesquisa Social – Escola de Frankfurt, direcionou sua intenção investigativa ao aspecto cultural das sociedades modernas.

Nesse sentido, esta pesquisa teve por objetivo compreender o conceito de Semiformação como aquela formação determinada pelo modelo social capitalista vigente, como um processo Ideológico da classe dominante. O fenômeno ideológico teria como função assegurar determinadas relações de existência entre os homens funcionando como instrumento de dominação da classe superior sobre a classe inferior. Em razão desta análise, a questão de investigação levantada foi a seguinte: **Qual a relação que se desvela entre o conceito de Semiformação e a Educação Integral dos cidadãos?** O desenvolvimento desta investigação levou em conta que os mecanismos de formação são fornecidos pela Indústria Cultural e estão comprometidos com os produtos da Semicultura, isto é, a cultura industrializada. Estes conteúdos serão deformativos no processo de formação da sociedade de massa e retiram a essência cultural, a ligação verdadeira com a arte. Esse processo acontece negando um processo real de formação, adaptando e integrando as consciências a lógica do mercado, retirando-lhes a autonomia de livre pensamento crítico.

Diante deste cenário, Adorno apresentou uma nova concepção de cultura, a partir do fenômeno ideológico, servindo de instrumento para a legitimação dos interesses de um determinado grupo social, a burguesia. Em um esquema de organização consciente da sociedade, a Ideologia cultural é instaurada e o poder dominador está na cultura. O ponto fundamental de sua Teoria Crítica está em

reconhecer a arte do século XX como aquela que legitima e reforça a Ideologia capitalista sob os moldes de uma sociedade comercial. Surge, então, o conceito de **Indústria Cultural**, proposto por Adorno em parceria com Horkheimer, em que a cultura é entendida como o resultado da produção de objetos com fins determinados, ou seja, bens artísticos culturais que carregam, implicitamente, um propósito ideológico, a manutenção do *status quo*, a supremacia de uma classe seletiva que detém o poder.

A Ideologia adotada pela Indústria Cultural tem o objetivo de falsificar uma concepção de homem em que os indivíduos, no capitalismo contemporâneo, são manipulados pelos produtos fornecidos pelos meios de comunicação de massa, induzidos a consumir e adotar como próprios os modelos padronizados.

Adorno entende que a arte não pode ser confeccionada a partir de um *a priori*, ou seja, o lucro e a manutenção do pensamento dominante vigente. A arte comprometida com uma Ideologia objetiva não é arte e a cultura passa a ser instrumento de manobra social, que precisa ser mantida sob os propósitos da Ideologia dominante, para assegurar interesses particulares.

Os avanços na produção de recursos tecnológicos contribuíram para o desenvolvimento técnico do homem, mas encobriram a divisão social estabelecida, isto é, classe dominante e classe dominada, respectivamente, classe burguesa e proletariado, inerentes ao regime capitalista que se apoia na divisão e nas desigualdades sociais. O caráter subjetivo é desconsiderado, dando lugar ao conformismo diante de uma proposta ideológica. O consumo de determinados tipos de bens, considerados enquanto cultura, é estimulado, controlando a forma de pensar e agir, alienando as consciências em um mundo fixo e desvinculado de qualquer possibilidade de questionamento da ordem vigente.

Diante disso, a preocupação de Adorno é evidenciar a importância da Educação para a superação dos processos de dominação e para a formação de sujeitos realmente plenos, capazes de reflexão. A cultura desassociada de seu verdadeiro sentido é convertida em Semicultura, encarregada pela formação da sociedade de massa. A Semiformação, portanto, é a determinação social da formação na sociedade contemporânea capitalista.

O mundo sistematizado que substituiu a experiência e a reflexão por determinações objetivas, na verdade quer encobrir suas reais motivações. A construção do processo formativo técnico produzido e disseminado pela classe

dominante, vinculado à ideologização da sociedade e a comercialização dos produtos industrializados da Indústria Cultural torna evidente o quanto tal formação é inadequada, já que provoca a anulação das características fundamentais da cultura. O sujeito semiformado desconhece a organização secundária que está ao seu redor, pensa ser formado verdadeiramente e livre diante de suas escolhas, mas na verdade todo seu caminho é determinadamente traçado.

A industrialização prejudica a individualidade e a identidade dos sujeitos. O objetivo do sistema é garantir homens acríticos, criando produtos adaptados para o consumo em massa, fabricando modelos padronizadas para os consumidores, adaptando-os a uma vida não autônoma.

Nesse contexto, a Semicultura torna os indivíduos incapazes de desenvolver argumentações de pensamento crítico social, tomando o controle das consciências. O processo didático-ideológico – a Educação – legitima e reforça a Semiformação, levando os sujeitos à aceitação e ocasionando a integração da classe trabalhadora ao modelo de normas e valores vigentes na sociedade.

A barbárie também se encontra na ausência das mínimas condições para que o indivíduo se realize, contribuindo para a autonomia do sujeito. Portanto, a relação percebida entre Semiformação e a garantia de uma Educação Integral aos cidadãos está na medida que a Semiformação distribui uma formação debilitada, isenta de pensamento reflexivo. É importante ressaltar que a classe dominante também é contaminada pelo caráter deformativo do fenômeno ideológico, tanto quanto a classe dominada. Destaca-se que a diferença é que a classe dominante possui os meios de produção, ou seja, tem a capacidade de mudar o contexto social, desde que, para tal, consiga perceber a armadilha da qual também é refém.

Tomando como sugestão uma humanização para a formação cultural de fato – formação do sujeito para o esclarecimento intelectual, social e político fundamentada na Emancipação, na contradição e na reflexão crítica das condições materiais da realidade social – é possível promover uma transformação social, política e cultural resistente diante das forças opressoras que impedem uma formação real que pressupõe a democracia enquanto uma sociedade verdadeiramente emancipada vigorando o sentido pleno da Educação.

A cultura se revela à civilização como ordem social, mas também por meio dela entendemos concepções de existência social atreladas a relações de poder e confrontos de interesses. Adorno entende um caráter deformativo na Ideologia, que

reproduz uma Educação que transforma tudo em objeto de consumo, desviando a arte e a Educação de seu processo emancipatório, mas reforçando a dominação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. Teoria da Semicultura. **Primeira Versão**, Porto Velho, v. 13, n. 191, p. 2-18, maio/ago. 2005.

_____. **Ideologia**. Temas básicos da sociologia. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Ideologia__Theodor_W._Adorno.htm?1345852419. Acesso em: 11 mar. 2019.

_____; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: o esclarecimento como Mistificação das Massas. In: _____. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos Filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 99-138.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. 2. ed. Tradução Silvana Vieira; Luís Carlos Borges. São Paulo: Boitempo, 2019.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MAAR, Wolfgang Leo. Adorno, semiformação e educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 459-476, ago. 2003. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/es/v24n83/a08v2483.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2019.

CIRQUEIRA, Leidiane dos Santos. **Semiformação e deformação da consciência em Theodor Adorno [livro eletrônico]**. São Paulo: Paulus, 2019. Disponível em: <https://www.fapcom.edu.br/wp-content/uploads/2019/06/Ebook-17-SEMIFORMA%C3%87%C3%83O-E-DEFORMA%C3%87%C3%83O-DA-CONSCI%C3%80NCIA-EM-ISBN.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica**: ontem e hoje. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Alienação e ideologia. In: _____. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 2006. p. 77-86.